

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

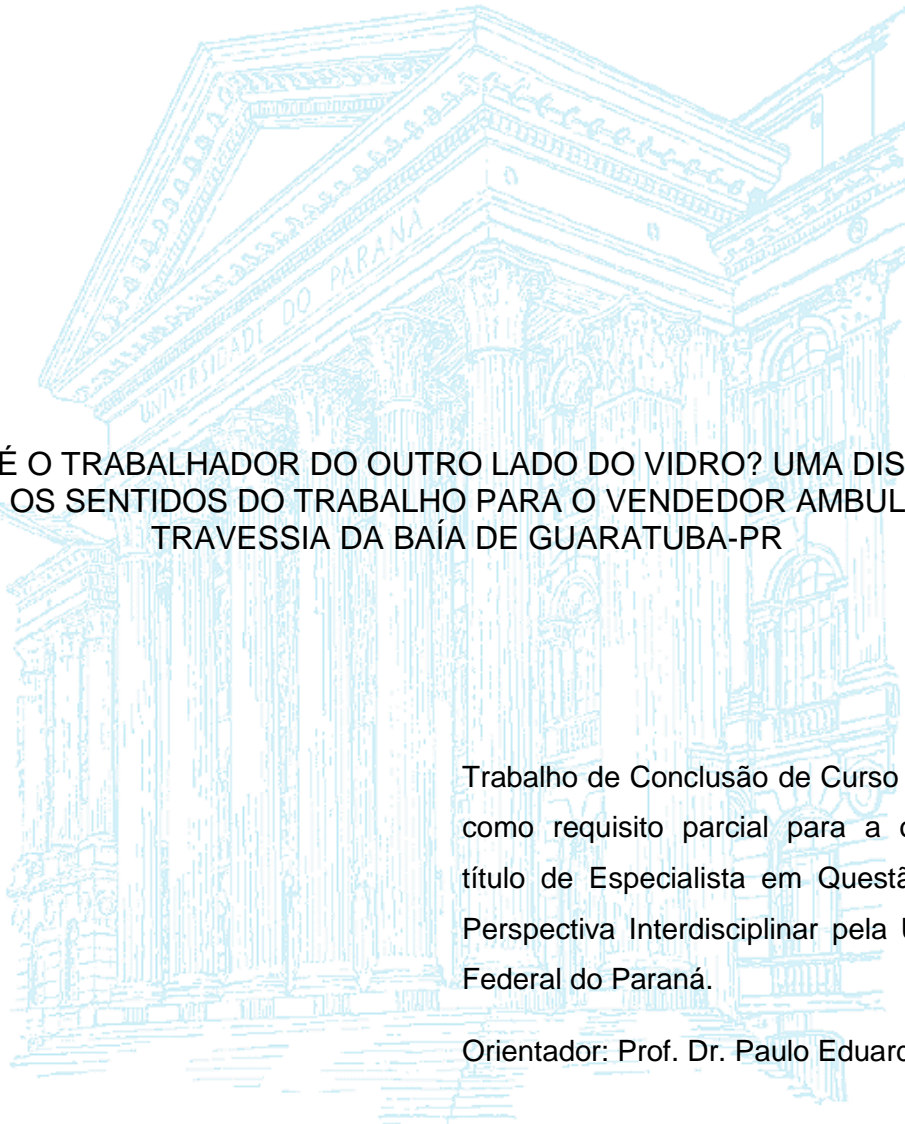
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA  
INTERDISCIPLINAR

**Bárbara Martins Branco**

QUEM É O TRABALHADOR DO OUTRO LADO DO VIDRO? UMA DISCUSSÃO  
SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA O VENDEDOUR AMBULANTE DA  
TRAVESSIA DA BAÍA DE GUARATUBA-PR

**MATINHOS  
2016**

**BÁRBARA MARTINS BRANCO**

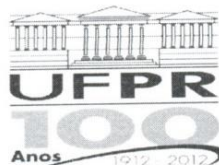


**QUEM É O TRABALHADOR DO OUTRO LADO DO VIDRO? UMA DISCUSSÃO  
SOBRE OS SENTIDOS DO TRABALHO PARA O VENDEDOR AMBULANTE DA  
TRAVESSIA DA BAÍA DE GUARATUBA-PR**

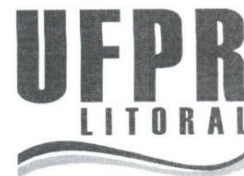
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar pela Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Angelin

**MATINHOS  
2016**



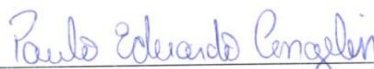
Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
UFPR Litoral  
Curso de Especialização em Questão Social  
pela Perspectiva Interdisciplinar



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Orientador, Professor Doutor **PAULO EDUARDO ANGELIN**, realizaram em **04/06/2016** a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **BARBARA MARTINS BRANCO**, sob o título "*Quem é o Trabalhador do Outro Lado do Vidro? Uma discussão Sobre os Sentidos do Trabalho para o Vendedor Ambulante da Travessia da Baía de Guaratuba-PR*", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista em Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo recebido conceito "APL".

Matinhos, 04 de junho de 2016.



Prof. Dr. Paulo Eduardo Angelin



Prof. ~~MR~~ Eduardo Harder



Prof. Dr. Luiz Eduardo Cunha Tomassim



Barbara Martins Branco  
Estudante

### Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

### Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

### OBSERVAÇÃO:

CASO O(A) ESTUDANTE SEJA ORIENTADO(A) A REFORMULAR SEU TRABALHO, DEVE-SE REGISTRAR NO VERSO OS REQUISITOS APONTADOS PELA BANCA PARA O ACEITE FINAL DO TRABALHO.



# **Quem é o trabalhador do outro lado do vidro? Uma discussão sobre os sentidos do trabalho para o vendedor ambulante da travessia da Baía de Guaratuba-PR**

## **RESUMO**

Este artigo relata a experiência de pesquisa com vendedores ambulantes que atuam na região de travessia da baía de Guaratuba-PR. Objetiva compreender os sentidos que estes trabalhadores atribuem ao seu trabalho, em um diálogo entre a Psicologia Social e do Trabalho e a Sociologia. Para isto, buscamos conhecer suas trajetórias de vida e profissional, bem como seu cotidiano e relações tecidas nessa atividade. Pretendemos, ainda, discutir alguns conceitos articulando estas áreas do conhecimento. Numa abordagem qualitativa, se deu uma pesquisa exploratória, com procedimentos bibliográficos e de campo, por meio de entrevistas abertas e observação participante. Com base no que foi possível compreender, verificamos um trabalhador muitas vezes invisibilizado, que encontrou nesta prática na região uma forma de inserção econômica e um meio de não sucumbir frente a um sistema excludente. Assim, entendemos que o estudo dos sentidos pode ser grande contribuinte para que algumas das questões desses trabalhadores possam ser trazidas à visibilidade.

Palavras-chave: Sentidos do trabalho – informalidade – vendedores ambulantes

## **ABSTRACT**

This article reports the search experience with street vendors operating in the crossing region of Guaratuba-PR Bay. Aims to understand the meanings that these workers attach to their work, in a dialogue between the Social and Work Psychology and Sociology. For this, we seek to know their trajectories of life and work and their daily lives and relationships woven in this activity. We also intend to discuss some concepts linking these areas of knowledge. A qualitative approach, took an exploratory research with bibliographic procedures and field, through open interviews and participant observation. Based on what was possible to understand, we find a worker often made invisible, we found this practice in the region a form of economic integration and a means of not succumb to an exclusive system. So we understand that the study of the senses can be major contributor to some of the issues these workers can be brought to visibility.

Keywords : Work Directions - informality - hawkers

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>07</b>
2.1 INFORMALIDADE NO MUNDO DO TRABALHO .....	08
2.2 ESTUDO DOS SENTIDOS:ALGUNS CONCEITOS .....	09
<b>3. METODOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA .....</b>	<b>10</b>
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>11</b>
4.1. QUEM É O TRABALHADOR DO OUTRO LADO DO VIDRO? .....	12
4.2. COTIDIANO: MODOS DE VIVENCIAR O TRABALHO.....	13
4.3 O INFORMAL COMO UMA (IM)POSSIBILIDADE .....	15
4.4 REDES DE SUSTENTAÇÃO .....	17
4.5 O VENDEDOR NIVALDO E O GRUPO: UMA CATEGORIA DE EXCLUSÃO? ..	18
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>22</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Guaratuba é um município do litoral do Paraná com população estimada em 35.182 habitantes (IBGE, 2015). Faz divisa com os municípios paranaenses de Morretes, Paranaguá, Matinhos, São José dos Pinhais e Tijucas do Sul, e com o município catarinense de Itapoá.

A Baía de Guaratuba é a segunda maior do estado e permite o acesso entre os municípios de Guaratuba e Matinhos, com população estimada em 32.591 habitantes. (IBGE, 2015) A travessia é realizada através de embarcações tipo balsas e *ferry boats*, que transportam veículos e passageiros.

Quem já realizou a travessia da Baía de Guaratuba certamente se deparou com os vários vendedores ambulantes, que ali oferecem os seus produtos aos que aguardam a balsa ou o *ferry boat*. As opções vão desde produtos alimentícios até bilhetes de loteria. São trabalhadores informais, que rotineiramente estão no local e que, muitas vezes, passam despercebidos no cotidiano de outros tantos trabalhadores que utilizam o transporte.

A utilização frequente do transporte nos despertou o interesse em conhecer mais sobre esses vendedores. O tempo pela espera da travessia nos permitia algumas observações, e vez ou outra, abria-se espaço para conversas informais. A partir daí, alguns questionamentos foram surgindo, e decidimos pela pesquisa. Entendemos que estes questionamentos requerem, além da pesquisa, um olhar atento que, de algum modo, os traz para a visibilidade. Para Sato (2013), este é um convite da Psicologia Social: olhar o trabalho e os processos organizativos a partir do ponto de vista dos trabalhadores.

A maior parte dos vendedores vende bebidas e produtos alimentícios, como docinhos de coco, cocadas e barquilhas (ou casquinhas) – uma massinha doce prensada, à base de farinha de trigo, água e açúcar, que é popular há décadas na região. Há os que vendem cabos, cartões de memória e *pen drives*, já com coletâneas de diversos estilos musicais. Cafezinho, salgados e bombons são opções diárias, principalmente pela manhã. Também é possível comprar sabão para carros e bilhetes de loteria. Tudo ali antes e durante a travessia.

Diante deste cenário, este trabalho visa responder à pergunta: Quais os sentidos que estes trabalhadores atribuem ao seu trabalho?

A discussão fundamenta-se teoricamente na Psicologia Social do Trabalho em paralelo com algumas discussões da Sociologia. Entendemos que estudos com esta perspectiva encontram um diálogo fértil com outras ciências sociais e humanas. (SATO, 2013).

Para responder à questão, pretendemos conhecer a trajetória de vida e profissional dos entrevistados e compreender o funcionamento e o cotidiano de seu trabalho. Como escolha metodológica, temos como subsídio prático uma pesquisa qualitativa. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com seus procedimentos bibliográficos e de campo, com entrevistas e observação participante. Buscamos uma pesquisa bibliográfica que contemplasse aspectos sócio históricos da informalidade no mundo do trabalho, com uma discussão conceitual acerca dos significados e sentidos do trabalho e com diálogos sobre aspectos subjetivos da informalidade. Desta forma, procuramos conhecer os sentidos do trabalho para estes trabalhadores, articulando seus relatos e a bibliografia escolhida.

Tomando como ponto de partida as transformações estruturais do capitalismo e da era globalizada, em meados da década de 70, situaremos historicamente as intensas mudanças ocorridas em todas as esferas, sejam elas da ordem social, tecnológica, política e cultural. Para Alves e Puziol (2010), tal condição foi precursora da complexa precarização do trabalhador que vemos hoje. Muitos destes encontram-se buscando possibilidades de inserção econômica através do trabalho informal.

A sobrevivência desta forma de trabalho no sistema capitalista se dá, para Garcia (2010), pelo fato de que seus participantes podem empregar pessoas da família em seus empreendimentos, trabalhar no mesmo local ou próximo do local onde moram, além do fato de muitas vezes não serem tributáveis.

Estudos que possuem este viés, ou seja, voltados à análise do processo de produção de sentidos e significados em territórios como o da informalidade são de grande relevância. Eles permitem trazer ao conhecimento acadêmico um tema que não encontra muito espaço para a discussão, em que muitas vezes são privilegiados outros ângulos de análise do fenômeno. Para a sociedade e para os entrevistados, esta análise permite que sejam trazidos à visibilidade aspectos de seu cotidiano de trabalho que comumente são despercebidos.

## **2 REVISÃO DE LITERATURA**

## 2.1 Informalidade no mundo do trabalho

A informalidade, como se tem hoje, está presente com maior expressividade há algumas décadas em nosso país. É um dos resultados da heterogeneização e precarização da classe trabalhadora, indicando um processo complexo e de várias facetas. No Brasil, estima-se que 27% da população economicamente ativa (PEA) trabalhem de modo informal. (IBGE, 2014)

Noronha (2003) aponta para insuficiência na definição de informalidade. Para ele, este conceito faz referência a fenômenos demasiadamente diversos, que não podem ser meramente agregados. Além disto, para buscar compreendê-lo é preciso considerar que depende, sobretudo, do conceito de "formalidade" em cada país e período.

Para tratar sobre o tema é preciso retomar um momento histórico profundamente marcante na economia mundial: a crise estrutural do capital. Notadamente, um período de grandes perturbações que impulsionou uma série de modificações na estrutura do funcionamento capitalista e foi responsável por uma nova configuração no modo de produção deste sistema. Para Alves e Puziol (2010), devido a esta crise e a consequente reestruturação produtiva do capital houve grandes impactos, que estão para além da esfera econômica e se estendem às sociais, tecnológicas, políticas e culturais do mais amplo espectro sócio histórico.

De acordo com Antunes (2001), o advento de um Estado neoliberalista e todo este complexo de reestruturações trouxeram uma enorme precarização da força humana de trabalho e uma crescente degradação na relação homem natureza. Todo esse potencial destrutivo tem gerado uma imensa classe de precarizados e excluídos.

Ainda para o autor, em decorrência destes acontecimentos, a classe trabalhadora se tornou mais heterogênea e complexa e se fragmentou. O mundo do trabalho passou a demandar mais qualificação em alguns setores e, em outros, se precarizou. Sem conseguirem acompanhar esse novo ritmo de especialização cada vez mais necessária para uma suposta integração ao sistema, os precarizados formaram, o que vemos hoje em grande amplitude, um expressivo contingente de trabalhadores *part time*, em empregos temporários, na informalidade ou, ainda, o próprio desemprego estrutural.



No campo ideológico, começaram a ser disseminados valores morais que intuem moldar os indivíduos de acordo com a lógica dominante do sistema. Tais interesses passaram a ser articulados às políticas educacionais de formação profissional, trazendo como significativos no processo os conceitos de empregabilidade e competência. (ALVES, 2007 apud ALVES; PUZIOL, 2010).

Cada vez mais requeridas, habilidades comportamentais e cognitivas, o mundo do trabalho se tornou fortemente competitivo e incapaz de absorver tantos trabalhadores. Para estes, a esperança de integração concentra-se na educação, considerada o escape para aqueles que não querem a exclusão. Porém, a aquisição destas habilidades não é garantia de integração, como nas palavras de Alves: “O mercado não é para todos”. (ALVES, 2007 apud ALVES; PUZIOL, 2010)

A classe trabalhadora vive hoje um processo complexo em que o trabalho informal aparece dividindo espaço com outras manifestações. Essa classe, heterogênea e com a força de trabalho precarizada, procura, em seu cotidiano, meios de não sucumbir diante do mundo do trabalho cada vez mais excludente e restrito, e que ao mesmo tempo mascara tais características.

Não pretendemos nos apegar a uma definição do termo ou, simplesmente, caracterizar este trabalhador, nem tão pouco nos limitarmos a fatos históricos. Pelo contrário, esperamos ampliar a discussão no sentido de compreender as possibilidades encontradas por essa classe de trabalhadores no mercado informal, bem como enfatizarmos aspectos subjetivos desta experiência.

## **2.2 Estudo dos sentidos: alguns conceitos**

Ao avançarmos na discussão proposta, entendemos que o estudo dos significados e sentidos do trabalho, tema que pode ser abordado por várias áreas do conhecimento, vai ao encontro da compreensão dos vários olhares que se apresentam sobre os fenômenos do mundo do trabalho. Para Sato (2013), é a partir daí que é possível identificar os limites, as perspectivas, os obstáculos e os desafios de determinado grupo de trabalhadores.

Para que este estudo ocorra, tomaremos como base uma perspectiva crítica da Psicologia Social em diálogo com a Sociologia, a fim de que situemos o trabalho em uma sociedade desigual, complexa, industrial e hierarquizada. (SATO, 2013). De

modo algum, devemos deixar de levar em conta que estão implicadas relações políticas, culturais e históricas.

Nossa proposta é a de olhar o trabalho e suas relações, sob o ponto de vista de um trabalhador, cujo trabalho é parte de sua constituição, e que não se restringe ao conceito de emprego. Com este enfoque, de um estudo de reconhecimento deste trabalhador, abre-se espaço para que seu cotidiano, relações, sentidos e significados acerca de seu trabalho, sejam contemplados com teorias e métodos, e, assim, seja trazida visibilidade a sua realidade.

Para Zanella (2007), toda atividade humana, foco de investigação requer o olhar sobre os sentidos que estes sujeitos têm sobre esta atividade. Olhar que não deve, de forma alguma, desconsiderar sua indissociabilidade, suas possibilidades e sua realidade histórica.

Alguns pontos importantes precisam ser abordados se queremos conhecer os sentidos do trabalho para os trabalhadores em questão. Temos como pressuposto que sentidos e significados são produzidos por sujeitos em suas relações, marcados pela experiência de cada um, em mediação com um todo.

Tomaremos, então, o conceito de significado como aquele que está relacionado ao entendimento social, portanto, mais amplo; e sentido como representativo de uma dimensão mais pessoal, mais subjetiva. (BASSO, 1998 apud TOLFO; PICCININI, 2007). Desta forma, significados são apropriados pelos sujeitos em seu processo único, expresso pela linguagem, de produção de sentidos.

No trabalho, que é a mediação do homem com seu meio, há uma produção de sentidos que são próprios de cada sujeito. Para Bendassolli e Coelho-Lima (2007), a exploração desses significados e sentidos pode ser uma via para acessar os conteúdos simbólicos e culturais produzidos no contexto de um fenômeno do mundo do trabalho a que nos propomos a investigar.

### **3 METODOLOGIA: CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA**

A venda de tais produtos está presente há muito tempo na região, e segundo relatos começou a ser praticada por pequenas organizações familiares e depois foi se estendendo a outros núcleos. Contudo, não foi possível precisar o início e nem os precursores da atividade na região.

Optamos por uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, pois segundo Gil (2007), proporciona uma maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e a construir hipóteses. Como procedimentos, lançamos mão de uma pesquisa bibliográfica e de observação participante.

De acordo com Minayo (2010), observação participante é um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de determinada situação social, com objetivo de realizar uma investigação científica. O instrumento de que nos munimos foi o chamado diário de campo. Assim, este tipo de observação pode complementar aspectos que não seriam percebidos apenas com as entrevistas.

A escolha por entrevistas abertas levou em conta que o curso da entrevista poderia ser conduzido pela própria fala do sujeito e, assim, seria possibilitada uma maior liberdade sobre o tema. Para Minayo (1993), esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se pretende maior detalhamento de questões e precisão de formulação dos conceitos relacionados. Em sua estruturação, o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer sobre ele. Dessa forma, é possível explorar mais amplamente uma questão, pois as perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal.

O grupo de inclusão desta pesquisa foi composto por vendedores ambulantes da região de travessia da Baía de Guaratuba, independentemente da faixa etária e do tempo em que desempenham a função. A proposta inicial era a de entrevistar sete sujeitos, porém, foram entrevistados cinco.

As entrevistas aconteceram no próprio local de trabalho, em ambos os lados da travessia, nos períodos da tarde e noite, no mês de março de 2016. Foram necessários três momentos para que fossem finalizadas. Nestes momentos, explicávamos individualmente, ou em grupo as propostas da pesquisa. Eles ouviam e se tinham interesse nos procuravam no intervalo das vendas. Alguns que foram abordados individualmente se mostraram receosos, sendo que dois deles, quando pedimos que assinassem o termo de consentimento, ou quando informados da gravação, desistiram. As demais entrevistas foram gravadas e transcritas para análise dos dados. As observações aconteceram em vários momentos, incluindo alguns aparentemente despreziosos, em que fizemos a travessia nas idas e vindas para a Universidade.

#### **4. RESULTADOS**

#### 4.1 Quem é o trabalhador “do outro lado do vidro?”

Para Spink (2009) a busca que propomos é uma tarefa clara, mas exigente: trazer à visibilidade estes trabalhadores e seu cotidiano. Trabalhador este, que traz em seu discurso o quão apagado se sente junto àqueles a que presta seu serviço diário. Como o relato de Cláudio<sup>1</sup>: *“Tem gente que não gosta do vendedor. Pra uns, quanto melhor um pedinte do que um vendedor... ignora, nem baixa o vidro”* (sic). Despercebidos, ou sob o julgamento de incomodarem, tantas vezes se fecham os vidros de um cliente que não os percebe como trabalhadores.

As mais diversas histórias se encontram ali, sob o mesmo céu e sobre o mesmo chão. Encontram-se num espaço comum a todos, que se tornou seu ambiente de trabalho e, como tal, tem seu funcionamento, suas regras, suas vivências. A rua é a sua empresa.

Deparamo-nos com a história de Bruno, que vende coquinho, cocada, barquilhas e bebidas. Veio da Bahia, local onde residia com sua família, que sempre vendeu redes nas ruas. Desde muito cedo, ajudou os pais nas vendas e, quando ficou maior, viajou pelo país e por vários locais da América do Sul, vendendo redes e outros produtos. Acabou conhecendo o litoral do Paraná há doze anos e aqui escolheu ficar, segundo ele, por ser bonito e fresco. Mora com a mulher e um filho pequeno.

Henrique é um jovem de Matinhos. Ele parou de estudar na 7ª série e tentou trabalhar no comércio da região, mas acabou optando por ajudar a família, toda envolvida na produção e venda de coquinhos, cocadas e barquilhas. A avó e o padrasto fazem os produtos, a mãe e irmãos ajudam a vender. A renda da família vem, praticamente toda, desta atividade.

Pedro é do interior do Paraná. Estabeleceu-se aqui juntamente com o irmão. Tinham um comércio na cidade de origem, que acabou fechando quando eram adolescentes. Então, começaram a vender produtos na área de travessia daquela região. Acabaram vindo para cá para desempenhar a mesma função. Vende cabos auxiliares, carregadores, cartões de memória e *pen drives* já com músicas de vários estilos, que dizem ser o substituto do antigo CD. Vive com a mulher e os filhos. A renda do trabalho de ambulante complementa a da esposa que trabalha no comércio local.

<sup>1</sup> Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios

Cláudio é irmão de Pedro. Estão juntos no negócio de vendas dos mesmos produtos. É ele quem carrega o *pen drive* com arquivos de música, e ambos vendem. Às vezes, pega barquilhas para vender, mas prefere seus próprios produtos.

Nivaldo mora no litoral há quatro anos. Estabeleceu-se aqui em locais de improviso e, como ele mesmo diz, não tem uma “*casa decente*”. Adaptou-se em um espaço abandonado próximo a área de travessia. Passou muito tempo em reclusão e não mantém contato com a família. Vende produtos para outro vendedor, que frequentemente coloca outras pessoas para trabalharem para ele. Define-se como um “*funcionário*” desta pessoa. Não compartilha das mesmas regras dos outros vendedores, não participa da fila, vende apenas dentro da balsa. Diz que os outros vendedores não lhe permitiram ter acesso ao grupo.

#### **4.2 Cotidiano: modos de vivenciar o trabalho**

Esses vendedores encontraram no trabalho informal uma tentativa de se inserirem economicamente com a venda de diversos produtos. Para isso, desenvolveram regras e normas de funcionamento, que devem ser partilhadas e respeitadas por todos do grupo. Conflitos, quase frequentes, surgem quando alguma destas é ameaçada.

Temos um grupo que, com suas regras próprias, se fortalece, e que, com elas mesmas é capaz de excluir. É um grupo cujo significado de sua existência e da sua ação só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva história que considere determinações econômicas, institucionais e ideológicas. Para Lane (1984), ele só deve ser conhecido enquanto processo histórico, assim, é mais apropriado chamá-lo de processo grupal.

Ainda para a autora, este grupo se caracteriza por relações equilibradas de poder entre os participantes ou pela presença de um líder/subgrupo. As relações de poder no grupo determinam ou influenciam o grau de participação dos integrantes no processo de comunicação interno, no sistema de normas, nas suas aplicações, punições e decisões.

Esse funcionamento tem aspectos bastante interessantes. Com os vendedores de produtos alimentícios e bebidas, funciona da seguinte forma: aqueles que chegam mais cedo garantem a prioridade em uma fila organizada com suas

caixas de isopor junto à faixa que divide a rua. Durante todo o período que passarem ali, esta será a ordem. Cada vendedor oferece para a fila de carros formada para apenas uma balsa. Alguns entram e continuam oferecendo lá dentro. Quando ela parte, ele retorna ao final da fila de caixas. A maior parte dos conflitos se dá quando há confusão nesta ordem. Em épocas de maior movimento, pode ser aumentado o número de vendedores do mesmo tipo de produto por balsa, se houver acordo.

Com os vendedores de outros tipos de produtos, em menor número na região, a regra é semelhante, porém, relatam haver menos conflitos. Sobre estes, Cláudio diz: *“É que nem jogo: dentro do jogo são inimigos. Fora são amigos. Na rivalidade, na disputa de vender, pode dar conflito!”* (sic).

Não temos com precisão o número exato de trabalhadores. Estimamos cerca de trinta trabalhadores para cada um dos lados da travessia. Porém, isto pode ser bem variável, já que alguns não vão todos os dias da semana e os horários de trabalho são variados. Há os que estão ali apenas na temporada.

A forma como vendem seus produtos varia, alguns ficam na balsa durante a travessia, além de oferecerem na fila. No entanto, os vendedores podem trabalhar apenas em um dos lados. Eles mesmos se definem como grupos separados.

Além dos produtos já citados, temos o cafezinho e o salgado oferecidos por uma das únicas mulheres do grupo, os bilhetes de loteria, o sabão para carros, os bombons, entre outros, em menor presença.

A jornada de trabalho parece ser bastante extensa, principalmente na temporada, em que trabalham por mais de doze horas, até mesmo sem horário de almoço. Em épocas de menor movimento, varia entre cinco a oito horas.

A flexibilidade em organizar esta jornada e a ideia de certa autonomia aparecem como ponto positivo neste trabalho. Nas palavras de Cláudio: *“A gente mesmo faz nossos horários, pega férias a hora que quer. Não tem patrão, não é mandado por ninguém. Você faz teu serviço, ninguém te fala nada, você tá livre!”* (sic).

Grandes dificuldades são as climáticas. O sol forte, o frio intenso e a chuva fazem com que esse cotidiano seja duro com o corpo e com a economia dos vendedores. Em períodos de calor, as vendas também se aquecem, é possível, segundo Bruno: *“juntar uma graninha legal!”* (sic). Contudo, o sol castiga o corpo. No inverno e em períodos de chuva, além de encontrarem as dificuldades do clima, as vendas caem. É um período que, segundo eles, dá apenas para se manter. De

acordo com Pedro: *“Às vezes tá chovendo e frio e você tem que vir, porque se não, você deixa de ganhar. Às vezes tem conta pra pagar naquela semana e você pega um tempo só de chuva, chuva, chuva!” (sic).*

### **4.3 O informal como uma (im)possibilidade**

Para Noronha (2003), é equivocado tratar a informalidade como um fenômeno uniforme, objetivo e mensurável, como vem acontecendo em algumas áreas. Além disto, corre-se o risco de abordar o fenômeno unicamente sob o âmbito de um problema econômico ou social, já que este representa uma ruptura com um padrão que se supõe ser único: o da formalidade. Assim, a premissa de que uma boa sociedade deverá ter apenas uma modalidade, que contará com o Estado na definição de padrões de legalidade, não será capaz de se sustentar, dada a amplitude na própria noção de informalidade e da complexidade na definição de padrões.

Ao ser abordada a questão da informalidade, acaba-se recaindo em dois enfoques principais, aparentemente distintos. Por um lado, ela aparece como a única possibilidade restante ao trabalhador que não conseguiu sua inserção no mercado formal devido à inaptidão e ao despreparo, o que, de certo modo, acaba causando sua culpabilização. Acreditamos que estes enfoques acabam restringindo a abordagem do fenômeno à aspectos negativos, e assim, desconsiderando dimensões importantes presentes na informalidade. Já um outro enfoque, seria aquele que vai ao encontro da compreensão do fenômeno, considerando suas peculiaridades, características e a singularidade de seu trabalhador, sem que se deixe de considerar as múltiplas determinações sociais, históricas, culturais e ideológicas.

Em contrapartida, procuramos ao longo do texto ampliar esta questão, trazendo para a discussão o informal sob o olhar das possibilidades encontradas pelo sujeito para sua sobrevivência e inserção, utilizando-se de um micro lugar e de recursos encontrados em um contexto que, inquestionavelmente, não permite a todos o acesso a padrões de empregabilidade em um mercado formal.

De acordo com Salvitti et al. (1999, p.03), este tipo de trabalho surge como “uma possível alternativa de fonte de renda, [...] e é determinado tanto pela falta de

perspectivas oferecidas pelo setor formal, quanto por determinações culturais que fazem parte da formação do trabalhador”.

Segundo Noronha (2003), diante de uma abordagem econômica, é frequente a vinculação da informalidade, ou do subemprego, às atividades periféricas não rentáveis. No país, o termo “informal” aparece ligado à legislação. O trabalho é formal se, e somente se, o trabalhador possuir carteira de trabalho assinada ou o registro de autônomo, ou ainda status de empregador.

Com base no que foi permitido conhecer com a pesquisa, percebemos que não possuir um vínculo empregatício e encontrar-se fora da dinâmica do mercado formal mostrou-se como condição que comporta vantagens e desvantagens no discurso desses trabalhadores. A flexibilidade, como já apontamos, permite ao trabalho organizar por si mesmo sua jornada e condições de trabalho sem que esteja submetido a uma relação patrão-empregado. Esse é, de fato, o aspecto que surgiu em todos os relatos como sendo de importância para a permanência neste tipo de trabalho. Contudo, os vendedores ressaltaram que pertencer ao mercado informal os exclui daquela “ideia de segurança” que um trabalho formal e regularizado poderia oferecer. Nas palavras de Pedro: *“Se a gente não conseguir adquirir alguma coisa e fazer algo pelo futuro por nossa conta mesmo, a gente fica à mercê”* (sic).

Deixar o trabalho de ambulante e procurar se inserir no mercado formal não parece ser uma opção viável para esses trabalhadores. Alguns já tentaram, mas voltaram a vender na região, pois era possível obter uma renda melhor. Outros tiveram experiências como ajudantes de pedreiro e em oficina mecânica, também dentro do setor informal, mas alegaram que nestes setores, a mão de obra é pouco valorizada. A atual ocupação representa uma vantagem em relação às outras possibilidades que têm.

Sobre o mercado formal, Pedro explica que *“pela escolaridade da gente, de curso assim, é difícil pegar um serviço que tenha um salário bom. Vai pagar pouco, e com esse dinheiro a gente não dá conta de sustentar a família e a gente a si próprio”* (sic).

Com exceção do vendedor Nivaldo, os relatos são de que com a renda obtida com a venda dos produtos conseguem garantir o sustento da família. Dentro das possibilidades que se apresentam, esta pareceu ser a mais viável e, inclusive, estável. Ao falarem sobre seu trabalho, ficamos diante de falas como a de Bruno e



Cláudio, respectivamente: “*Dá pra se manter*” e “*se souber se programar, dá*”. Bruno também comparou sua renda ao salário mínimo nacional: “*Se fosse pra tirar um salário mínimo só, não valeria a pena. Eu não estaria aqui. Daí, não dava*” (sic).

#### 4.4 Redes de sustentação

Ao adentrarmos um pouco mais no cotidiano destes trabalhadores percebemos a importância da rede que se tece por trás de sua prática. Não poderia ser ignorado todo um funcionamento que aparece como suporte do próprio trabalho de vendedor ambulante.

O que seria do trabalho de Henrique sem toda a sua família, diretamente envolvida no preparo dos produtos para a venda? Como seria se Pedro não fosse parceiro de seu irmão Cláudio no seu negócio?

De fato, é isso que garante a sobrevivência do trabalho informal frente às relações econômicas perversas. A cooperação e as tentativas solidárias fazem com que se consiga outras formas de inserção econômica. É isto que Spink (2009) chamou de *nanoeconomia* e de *micros cadeias produtivas*: um produto social cujas possibilidades expressam-se em materialidades e socialidades. Assim, ele chama atenção para eventos cotidianos e possibilidades econômicas de sobrevivência a partir de um micro lugar.

Há uma forma de produção cotidiana, que envolve mais de uma pessoa da família. Segundo Henrique: “*Casquinha, minha vó faz. Meu padrasto faz coco e minha mãe cocada*” (sic). Ele e a mãe vendem os produtos, todos produzidos em casa.

Além desta cooperação, principalmente entre familiares, percebemos que existe uma certa tradição nestes núcleos. São anos neste trabalho, que já foi iniciado com os pais ou avós. Ainda que em outra região, a experiência familiar foi garantindo a manutenção da atividade de vendedor ambulante, que atravessou pelo menos uma geração.

Há todo um conhecimento de mercado e estratégias comerciais. Pedro e Cláudio se organizaram com seus produtos, pois precisaram se adaptar, já que os CDs não estavam tendo a mesma saída. Agora vendem os *pen drives* carregados com mais de mil músicas, de diversos estilos musicais. É Cláudio quem é o responsável por salvar as músicas no dispositivo usando o computador de casa.

Para isso, segundo ele, precisa estar “*por dentro*” do que faz sucesso no mundo musical.

No caso dos irmãos Pedro e Cláudio e dos vendedores de bebidas, os produtos são, em geral, pegos em consignação de fornecedores, o que lhes garante certa facilidade em períodos de menor saída. Pesquisar e estar atento são fundamentais nestes negócios, pois talvez seja necessário procurar outros meios de conseguir o produto por um preço bom. Segundo Pedro, quando os *pen drives* estão com um preço alto nos fornecedores da região, vão até o Paraguai conseguir o produto mais barato.

Percebemos que se não fossem essas redes sociais que aparecem como sustento da prática do vendedor ambulante, não seria possível permanecerem no negócio. Esse aspecto está para além das dimensões econômicas e nos ajudam a avançar na compreensão de aspectos mais subjetivos presentes no trabalho destes sujeitos.

#### **4.5 O vendedor Nivaldo e o grupo: uma categoria de exclusão?**

As observações e as entrevistas foram capazes de elucidar alguns aspectos do cotidiano, das relações e do sentido do trabalho destes trabalhadores. Integrantes de um grupo com regras, todas estabelecidas em sua própria constituição, temos um grupo dinâmico produzindo seus movimentos. Os conflitos observados e relatados pelos entrevistados como brigas e bate-bocas são a clara demonstração de que estamos tratando de um grupo organizado e não-estático.

O encontro com a história de Nivaldo nos relevou pontos importantes para a discussão. Conversamos com ele em uma noite chuvosa, quando quase todos os vendedores não estavam mais ali. Ele, diferentemente da maioria, não tem uma família envolvida no trabalho. Estabeleceu-se na região depois de longo período em reclusão, instalando-se em um local abandonado próximo a travessia. Ele relata uma intensa dificuldade em se inserir no grupo. “*Sou o único que consegue sobreviver com os outros*” (sic).

Ao nos atentarmos para as palavras de Nivaldo, percebemos o quão dura para o sujeito pode ser a vivência em um contexto de exclusão. A partir de sua história, incluiremos mais algumas considerações. Poderíamos nos alongar sobre a questão do sofrimento ético-político da dialética inclusão/exclusão, mas

pretendemos nos ater à discussão da produção de exclusão em determinado contexto.

Segundo Wanderley (1999), a exclusão é produto do funcionamento do sistema. Um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas, que só existe em relação à inclusão, como sua parte constitutiva. Envolve o homem e suas relações de forma integral.

Como já discutimos anteriormente, as transformações no mundo do trabalho e as situações decorrentes do novo modelo econômico foram produtoras da nova organização, que atingiu todas as esferas da nossa sociedade. Passaram a se acentuar valores e representações de mundo que acabam por excluir a grande maioria. O movimento do grupo, que busca cotidianamente incluir-se neste contexto de exclusão, é capaz de produzir – ou reproduzir, relações tão opressoras quanto aquelas a que está submetido.

Enquanto a maior parte dos vendedores se organiza junto aos fornecedores e produtos, Nivaldo se define como um *“funcionário dos outros”*. São eles que controlam a quantidade de mercadoria que ele venderá naquele dia e a porcentagem do seu lucro em cima das vendas. Quando não vende as bebidas, consegue devolver, as barquilhas, não.

Segundo Nivaldo, o grupo de vendedores não permite seu acesso à fila. Ele só pode fazer suas vendas dentro da balsa, ou seja, depois que todos os vendedores já ofereceram seus produtos nas filas. Em suas palavras: *“Os caras não deixavam eu ficar nem na sobra (dentro das embarcações)”* (sic). O período que ele prefere vender é à noite, quando os outros já se retiraram, mas ainda assim, não tem permissão para as filas. Isso ocorre desde que ele tentou se inserir na atividade, inicialmente no grupo do outro lado da travessia. Ele diz que veio *“de fora”* e que este é um dos motivos pelos quais não tem acesso ao grupo. Sua afirmação aponta para a dificuldade de inserção em um contexto em que redes são o grande alicerce nas relações e em um grupo que se movimenta sob regras de funcionamento tão estabelecidas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Inseridos em uma trama complexa de relações, os vendedores ambulantes da região de travessia da baía de Guaratuba realizam seu trabalho cotidiano no vai e

vem das balsas. Esta é sua tentativa de inserção em um contexto econômico que não os poupa de suas mazelas. A partir daí, procuramos olhar o fenômeno sob o ponto de vista destes trabalhadores.

Através desta pesquisa pretendemos, de algum modo, trazer à visibilidade algumas de suas questões. Abriu-se, assim, espaço para que conhecêssemos aspectos mais subjetivos e adentrássemos o terreno dos sentidos e significados de seu trabalho.

Sentidos e significados são produzidos socialmente, em todas as relações. Ao nos debruçarmos sobre o estudo de um determinado grupo e de seu trabalho, não podemos desconsiderar indissociabilidade, suas possibilidades e sua realidade histórica. Esta atividade é permeada de sentidos e significados, expressos através da linguagem, que merecerem nossa atenção,

A informalidade é fruto de um processo complexo e não pode ser reduzida a uma mera definição. Ela está presente em nossa sociedade de forma facilmente verificável. Há anos, este quadro veio se delineando, causando o que temos hoje: uma classe trabalhadora heterogênea e precária. Estes trabalhadores foram reconfigurando suas relações com o trabalho, e é aí que a informalidade se insere.

São tantos os que encontraram no trabalho informal uma possibilidade. Muitas famílias vivem exclusivamente da renda obtida com a atividade na região. A venda no local é prática que veio atravessando gerações, e que apesar de se modernizar, mantém algumas características de épocas anteriores. É o envolvimento dessas famílias e dessas redes que parece ser o principal alicerce sobre o qual se sustenta o trabalho. Caso contrário, seria inviável permanecer no negócio.

Dividindo o mesmo ambiente de trabalho, esse grupo precisou organizar seu funcionamento e estabelecer algumas regras. Todos devem se portar de acordo com o que é estabelecido, ainda que isto não seja expressamente sistematizado como se tem em outras organizações. O compromisso de cada um com os demais é a garantia de que haverá o cumprimento. Há um movimento, nada é estático. Brigas e conflitos mostram que possuem um regulamento firmado na palavra e na convivência de um com o outro.

A exclusão é presente em seus discursos. São excluídos do mercado formal, da própria educação escolar, do acesso à bens de consumo e culturais. A vivência em um grupo permite o fortalecimento de sua identificação. Esse fator é capaz de fazer com que reproduzam as relações de inclusão/exclusão a que são submetidos.

Muito se pode conhecer sobre estes trabalhadores. A sua relação com o trabalho e com os demais, seu cotidiano e o encontro com suas histórias se mostram de grande modo reveladores daquilo que vai ao encontro do que lhes é mais subjetivo, ou seja, de processos de produção de sentido. Assim, além de percebê-los no exercício de seu trabalho, é possível dar voz a algumas de suas questões.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G.; PUZIOL, J. As metamorfoses do mundo social do trabalho e a educação profissional. 2010. Disponível em [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario8/\\_files/UfTjNAFd.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/UfTjNAFd.pdf). Acesso em 30/03/2016.

ANTUNES, R. Trabalho e Precarização Numa Ordem Neoliberal. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs). *A Cidadania Negada: Políticas de Exclusão na Educação e no Trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001 p. 35-48

ANTUNES, R.; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 25, n. 87, p. 335-351, ago. 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 08/03/2016.

BENDASSOLLI, P. F.; COELHO-LIMA, F. Psicologia e trabalho informal: a perspectiva dos processos de significação. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 27, n. 2, p. 383-393, ago. 2015 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822015000200383&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200383&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 01/05/2016.

GARCIA, M. R. V. et al . “Mulheres guerreiras”: identidade feminina e profissional entre vendedoras ambulantes da cidade de São Paulo. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 13, n. 1, 2010 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04/09/2015

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Indicadores IBGE: pesquisa mensal de emprego, Brasília, 2014;

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Indicadores IBGE: cidades, Brasília, 2015;

LANE, S. T. M. (1984b). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), *Psicologia Social: O homem em movimento*. São Paulo, SP: Brasiliense.

MINAYO, M. C. S. (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

NORONHA, E. G. "Informal", ilegal, injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 18, n. 53, p. 111-129, Oct. 2003

. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092003000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092003000300007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 18/04/2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000300007>.

SALVITTI, A. et al. O trabalho do camelô: trajetória profissional e cotidiano. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasil, v. 2, p. 1-23, dec. 1999. ISSN 1981-0490. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25816>>. Acesso em: 08/05/2016.

SATO, L. Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, Brasil, v. 16, p. 99-110, junho 2013. ISSN 1981-0490. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/77867>>. Acesso em: 08/03/2016.

SPINK, P. K. Micro cadeias produtivas e a nanoeconomia: repensando o trabalho decente. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo , v. 12, n. 2, p. 227-241, dez. 2009 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172009000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20/04/2016.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 19, n. spe, p. 38-46, 2007 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 08/05/2016.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. SAWAIA, B. (Orgs.). Petrópolis: Ed. Vozes, 2002. p.16-26

ZANELLA, A. V. et al. Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre , v. 19, n. 2, p. 25-33, Aug. 2007 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19/04/2016.